

# CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE LEITE NA AGRICULTURA FAMILIAR

Artur Chinelato de Camargo<sup>1</sup>  
Walter Miguel Ribeiro<sup>2</sup>

## 1. Introdução

Várias podem ser as definições do que seja uma propriedade familiar que explore a atividade leiteira. No Projeto Agricultura Familiar – Leite da Embrapa Pecuária Sudeste, em parceria principalmente com a Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), elaborado em 1999, definiu-se como agricultura familiar aquela em que a família obtivesse sua renda exclusivamente da terra e parte dessa renda fosse oriunda da produção de leite. Além disso, o proprietário deveria residir na propriedade ou, caso isso não ocorresse, deveria estar diariamente no comando dela. Quanto ao tamanho, deu-se preferência às propriedades de menor porte (menor de 20 hectares), em função de um dos objetivos do projeto, que era o de utilizá-la como exemplo aos outros produtores do município e da região. O outro objetivo, o principal, era transferir o conhecimento existente sobre produção intensiva e rentável de leite a todos os envolvidos, produtores, pesquisadores e em especial aos técnicos da extensão rural, utilizando essa propriedade familiar como uma “sala de aula”, em que as técnicas e práticas agrícolas e zootécnicas eram discutidas, adaptadas à realidade de cada situação, aplicadas e avaliadas.

Nas propriedades leiteiras, principalmente as de cunho familiar, o insumo que mais falta é a informação sobre como produzir leite de uma maneira simples, porém com conceitos altamente técnicos, de modo rentável e ambientalmente sustentável. O não-emprego de muitas práticas básicas e consagradas, como análise do solo, plantio

1. Pesquisador Embrapa Pecuária Sudeste. Engenheiro agrônomo. [artur@cpps.eembrapa.br](mailto:artur@cpps.eembrapa.br)

2. Estagiário da Embrapa Pecuária Sudeste.

em nível, controle mensal individual da produção de leite (controle leiteiro) e exames de brucelose e tuberculose no rebanho, ocorre em quase a totalidade das propriedades familiares. As pastagens sequer podem ser assim denominadas, por se tratar de áreas onde ocorre a falta cíclica de alimento, a infestação por cupinzeiros, formigueiros e plantas invasoras, além de um processo de erosão ativo. O rebanho utilizado é de baixo potencial produtivo, não chegando a produzir 3.000 litros de leite na lactação, que em grande parte é curta (seis a sete meses). Os touros podem ser classificados como de corte. A escala de produção é baixa, dificilmente ultrapassando a marca dos 100 litros produzidos diariamente, resultando numa renda que permite apenas a subsistência. O retrato da combinação desses fatores é o estado de abandono das propriedades, com toda sorte de lixo espalhado, refletindo, numa análise mais profunda, o sentimento reinante na família. O desestímulo, a baixa (para não dizer nenhuma) auto-estima, a indignidade da condição de vida que essas famílias levam e a falta de esperança são as piores conseqüências desse quadro trágico, denunciado na maneira de se expressar, no semblante triste e no olhar sem brilho, em especial das crianças.

Numa dessas propriedades participantes do projeto, a filha de um produtor, ao ser perguntada sobre o que esperava do futuro, respondeu secamente: "Nada!". Choca a todos perceber que uma criança não tem perspectiva nenhuma de vida, não tem planos, não tem sonhos. E o que mais aflige a nós, técnicos, é saber que essas pessoas estão sentadas sobre uma pedra bruta preciosa (sua propriedade), faltando-lhes apenas conhecimento, paciência, perseverança, cuidado, atenção e carinho para lapidá-la.

O resultado mais importante já obtido nesse projeto de lapidação desses diamantes brutos não foi o aumento da produção de leite, nem a melhora da média de produção por parte das vacas do rebanho, nem a redução do intervalo entre partos, nem a diminuição da taxa de mortalidade das bezerras, nem o aumento do volume de leite vendido, nem a redução nos custos de produção, nem a melhoria da renda da propriedade. O resultado mais importante, já obtido em várias propriedades, foi o resgate da cidadania dessas pessoas, a recuperação da auto-estima, a descoberta do entusiasmo (sentimento até então

desconhecido) e o direito de sonhar. Na propriedade utilizada como "sala de aula", esperava-se, desde o princípio, que esses resultados fossem alcançados, mas, nas outras propriedades do município e da região, o desenvolvimento da produção leiteira estava na dependência de o técnico extensionista local também se engajar nesse trabalho, recuperando, da mesma forma, o entusiasmo pelo trabalho, restaurando a importância das Casas de Agricultura na comunidade, permitindo a ampliação do leque de produtores assistidos.

## 2. Características das propriedades

O levantamento de algumas características da atividade leiteira na agricultura familiar foi realizado em 176 propriedades de 148 municípios (de um total de 685) em 23 regiões do Estado de São Paulo (de um total de 40). Refere-se ao período de junho de 2000 a outubro de 2004. O número de propriedades não é igual ao número de municípios devido à dinâmica do projeto, havendo substituições constantes das propriedades "salas de aula" caso o produtor não efetue o trabalho acordado entre as partes envolvidas: pesquisador, técnico extensionista e ele próprio.

Até 31 de outubro de 2004, participavam do projeto 102 municípios e, portanto, 102 propriedades estavam sendo utilizadas como "salas de aula" (denominadas de Unidades de Demonstração – UD), estando em treinamento um total de 220 técnicos que acompanhavam, além da UD, mais de 500 propriedades, denominadas de assistidas (PAs).

A diferença existente entre o total de municípios e os que estão no momento desenvolvendo o trabalho é devida a vários motivos, sendo o principal o não-cumprimento, pelo técnico extensionista, das tarefas combinadas entre os envolvidos: pesquisador, produtor e ele próprio.

A quase totalidade dos produtores era formada por proprietários (167), havendo ainda 5 arrendatários e 4 em sistema de parceria. Residiam na propriedade 150 produtores, contra 26 que moravam na cidade mas trabalhavam o dia todo na propriedade. O trabalho era executado sem o auxílio de empregado fixo em 131 estabelecimentos, contra 45 propriedades que tinham contratado ao menos um empregado. Esse quadro mostra a facilidade de trabalho que o técnico

extensionista terá por lidar diretamente com o proprietário, que por sua vez estará sempre presente, mesmo que resida fora (14,8% dos casos), no que diz respeito à facilidade de entendimento, interesse em aprender e esmero em aplicar o recomendado. Esse foi o principal motivo que definiu a escolha da propriedade familiar como "sala de aula", evitando, dessa forma, que a transferência de tecnologia sofresse qualquer tipo de interferência devido a sua má aplicação. Nas PAs, todos os tipos de propriedades poderiam ser atendidas, desde que procurassem o técnico extensionista local e aceitassem as condições para participar do projeto: 1) fazer sempre o que fosse combinado com o técnico; 2) deixar a propriedade aberta para receber visitantes; 3) examinar o rebanho para detectar a presença de brucelose e tuberculose, eliminando casos positivos; 4) anotar basicamente três informações zootécnicas: parições, cobrições e controle leiteiro e dois dados econômicos: despesas e receitas.

No projeto, as propriedades foram classificadas como micro (até 5 hectares), mini (5,1 a 10 hectares), pequenas (10,1 a 20 hectares), médias (20,1 a 40 hectares) e grandes (acima de 40,1 hectares), facilitando o entendimento e a comunicação. A distribuição do tamanho das propriedades é apresentada na Tabela 1.

**Tabela 1.** Classificação e distribuição de acordo com o tamanho das propriedades que participaram e das que ainda participam do Projeto Agricultura Familiar - Leite.

Área total (ha)	Classificação no projeto	Quantidade de propriedades (n°)	Distribuição relativa (%)
até 5	micro	27	15,3
5,1 a 10	mini	35	19,9
10,1 a 20	pequena	46	26,1
20,1 a 40	média	36	20,5
acima de 40,1	grande	32	18,2
total	-	176	100,0

O somatório das micro, mini e pequenas propriedades representou quase dois terços do total (61,3%). O objetivo, ao se trabalhar com áreas tão reduzidas, foi o de demonstrar a viabilidade técnica, econômica, social e ambiental da produção de leite nessas situações. A hipótese

era que, se essas propriedades fossem sustentáveis sob esses pontos de vista, propriedades maiores também seriam se a mesma metodologia e as mesmas técnicas fossem empregadas. Os resultados obtidos nas propriedades mais antigas no projeto e a geração de demanda comprovaram essa tese.

A produção de leite nesses estabelecimentos, no momento do primeiro contato, é apresentada na Tabela 2. Deve-se ressaltar que quatro propriedades estavam iniciando suas ações visando a produção de leite, não possuindo nenhum animal no rebanho.

**Tabela 2.** Distribuição da produção de leite nas propriedades que participaram e das que ainda participam do Projeto Agricultura Familiar - Leite no momento do primeiro contato.

Propriedades	Produção de leite (litros por dia)			
	até 50	51 a 100	101 a 200	acima de 201
micro *	16	6	3	0
mini	16	7	10	2
pequena	20	13	10	3
média *	7	14	10	4
grande *	2	9	14	6
total	61	49	47	15
em %	35,5	28,5	27,3	8,7

\* Duas micro, uma média e uma grande propriedade estavam se iniciando na atividade, não tendo nenhuma vaca em produção.

Os dados mostram que 64% das propriedades estavam produzindo menos de 100 litros de leite diariamente, o que implica numa baixa rentabilidade mensal, não permitindo aos produtores oferecer uma vida digna a suas famílias. Muitos desses produtores tinham como certa a saída da atividade rural e o meio urbano como destino. Essa situação fica mais crítica quando se observa que, das 106 propriedades classificadas como micro, mini e pequenas, quase a metade (49,1%) produzia menos de 50 litros diariamente. Esse percentual sobe para 64% quando se consideram apenas as micropropriedades, evidenciando o caráter altamente social da proposta do projeto, que era o de gerar renda suficiente para manter com dignidade essas famílias no meio rural. A atividade leiteira tem o poder de realizar tal façanha, desde que conduzida de uma forma extremamente tecnificada, o que não

significa investimento pesado, e sim a aplicação de conceitos corretos sobre como aumentar a produtividade da terra e reduzir o custo de produção, simultaneamente.

A porcentagem de vacas em lactação nos rebanhos levantados foi de 61,2% (2.479 vacas em lactação, de um total de 4.049 vacas nos rebanhos), o que indica que há problemas na reprodução decorrentes da nutrição deficiente, bem como baixa persistência das lactações. O controle leiteiro era realizado rotineiramente em apenas 7 propriedades (4,1%). Nas outras 165 propriedades (95,9%), o registro da produção de leite de cada vaca era fruto somente da sensibilidade do produtor em dado instante da lactação. O controle leiteiro é uma ferramenta básica para a avaliação do rebanho, para a distribuição dos animais em grupos e para o arraçoamento das vacas de acordo com a produção.

A ordenha era realizada uma vez ao dia em 102 propriedades (59,3%), sendo na maioria das vezes (136 propriedades – 79,1%) feita manualmente. Apenas 70 propriedades (40,7%) faziam a segunda ordenha e em somente 36 propriedades (20,9%) ela era realizada utilizando-se o equipamento de ordenha. Isso permite inferir que há um grande campo a ser percorrido no que diz respeito à melhoria dos animais que estão sendo ordenhados, bem como em suas dietas (evidenciadas pela única ordenha), além de permitir vislumbrar um cenário favorável à mecanização do processo de ordenha, melhorando sua eficiência, reduzindo custos e agregando qualidade ao produto e seus derivados. A segunda ordenha passará a ser efetuada nas outras 69,3% das propriedades, à medida que a média de produção de leite das vacas se eleve e o problema do que fazer com o leite da tarde seja resolvido com a introdução de tanques de imersão de latões ou tanques de expansão.

O tipo mais comum de cobertura utilizado pelos produtores para o estabelecimento de gestação nas vacas era o da monta natural, encontrado em 130 propriedades (75,6%), enquanto a inseminação artificial foi o meio de reprodução escolhido em 34 propriedades (19,8%). Um terceiro grupo de propriedades, 8 no total (4,6%), utilizava as duas formas de reprodução, inseminando artificialmente as melhores e repassando, em caso de vacas repetidoras de cio, com a monta natural.

Das 176 propriedades levantadas, pouco mais da metade, 96 (54,5%), não trabalhava com outra atividade rural, ou seja, dependia exclusivamente da renda auferida com a venda do leite e/ou derivados, enquanto 80 propriedades (45,5%) tinham pelo menos mais uma atividade rural. Esse índice demonstra a importância social da atividade leiteira como fonte geradora de renda e de manutenção do homem no campo. Se além de só manter o homem fixado no campo a atividade leiteira produzir riqueza, propiciando uma vida digna aos produtores, o objetivo de todo o trabalho de intensificação do processo terá sido alcançado. Essa meta fica evidente quando da pergunta feita a cada produtor sobre que produção de leite desejaria atingir na propriedade, sem a preocupação com prazos. A resposta de todos, sem exceção, foi que gostariam de crescer e a média desses "sonhos" foi de crescimento da ordem de 386%.

### 3. Conclusões

A conclusão a que se chega é que tudo ainda está por fazer na atividade leiteira, existindo uma legião de produtores abandonados que só precisam de apoio das entidades ligadas ao setor (entidades oficiais e privadas de assistência técnica e extensão rural, universidades e instituições de pesquisa) e da transferência correta do conhecimento e da tecnologia já existentes. Essas entidades precisam equilibrar os seus preciosos tempos, deixando os gabinetes, os escritórios, as salas de aula e os laboratórios, indo para o campo. É preciso lembrar-lhes também que elas só existem porque existe um produtor rural.

### 4. Agradecimentos

Segue-se (Tabela 3) a listagem atual das propriedades e dos técnicos participantes do Projeto Agricultura Familiar - Leite, bem como das instituições para as quais trabalham. Sem os técnicos extensionistas, nenhum trabalho de difusão e transferência de tecnologia terá possibilidade de alcançar sucesso.

Tabela 3. Relação dos municípios participantes, com os respectivos técnicos responsáveis e os coordenadores para cada região (atualizada até 31.10.2004).

Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
<b>ANDRADINA</b>	-	-
Nova Andradina	Alexandre Hideaki Imada	Cati
	Jorge Massamiti Yamamoto	Cati
<b>AVARÉ</b>	João Rosseto Ribeiro Junior	Cati
Águas de Santa Bárbara	João Donizeti Silvério	Cati
	Geraldo de Arruda Mendes	Cati
Cerqueira César	João Rosseto Ribeiro Junior	Cati
<b>BAURU</b>	Roberto Janeiro Filho	Sebrae - SAI
	Francisco Oliveira Junior	Cati
Iacanga	Silvio Carlos Pereira dos Santos	Cati
Paulistânia	Rui Donizeti Casarim	Cati
	Alexandre Lamarca	Sebrae - SAI
Presidente Alves	Viviane Martha de Castro Pereira	Sebrae - SAI
	Álvaro da Cunha Nunes	Cati
Reginópolis	Johannes Peter Feldenheimer	Cati
	Gerson Antônio Zanata	Cati
<b>BRAGANÇA PAULISTA</b>	-	-
Joanópolis	José Braga Semis	Cati
	Júliana Vieira Salles Varallo	Cati
Socorro	Saete de Fátima Torres Ishikawa	Cati
	Walter Alexandre Bovi Binotti	Autônomo
<b>CATANDUVA</b>	Carlos Pagani Neto	Cati
Elisiário	Primo Quinaglia Neto	Cati
Ibirá	Hamilton A. dos Santos Junior	Cati
	Vicente Augusto Geraldini	Cati
Irapuã	Francisco Miguel Rumi	Cati
Novo Horizonte	Julian José Martínez Domingues	Cati
	Rubens Gouveia de Souza	Cati
Sales	Fabício de Alcécio Serafim	Cati
	Lara Goldoni Gil	Cati
	Edson Eduardo do Prado	Cati
Tabapuã	Luciana de Lima Rodrigues	Cati
	Sérgio Albuquerque	Cati
<b>DRACENA</b>	Adalberto Stivari	Cati
Dracena	Luís Carlos Rizzi	Cati
Flórida Paulista	Oswaldo Shiguero Morichita	Cati



Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
Irapuru	Alberto Takeshi Nishida	Cati
	José Alexandre Siniciato	Cati
	Thiago Pedrini Bortolato	Sebrae - SAI
Junqueirópolis	Mário André Gimenes Otoboni	Cati
Monte Castelo	João Manoel Vicente	Cati
	Mirivaldo Alarcon F. Segundo	Cati
Ouro Verde	Paulo Sérgio Martins	Cati
	Cláudio Mura	Cati
Panorama	Luiz Alberto Loureiro	Cati
São João do Pau d'Alho	Ilton Perpétuo de Oliveira Lima	Cati
	Rodrigo Fernandes Mansano	Cati
FRÂNCA	Pedro Cesar Barbosa Avelar	Cati
	Marcelo Avelar	Coonai
Cristais Paulista	Mário Augusto S. de Figueiredo	Cati
	Carlos Girardi Marques	Cati
	Douglas Antônio Pirai	Cati
	Rogério Luís Gerbasi	Coonai
Itirapuã	Paulo Cesar Santana	Cati
	Isaías dos Reis Maia Martins	Coonai
Patrocínio Paulista	Guilherme Luís F. Andrade	Cati
	Álvaro Pedro Goulart Bertelli	Cati
	Isaías dos Reis Maia Martins	Coonai
Restinga	Márcio de Figueiredo Andrade	Cati
	Gabriel Anawate	Cati
Ribeirão Corrente	Djalma Celso Blésio	Cati
	Lauro Spessoto Goulart	Sebrae - SAI
	Lucas José da Silva	Coonai
Santo Antônio da Alegria	Amilton Luiz Darini	Cati
	Carlos Leão Ribeiro	Cati
	Valtecir Amaro dos Santos	Cati
	Messias Tadeu de Lima	Cati
	Valdir Martins dos Santos	Cati
	Márcio Theodoro de Figueiredo	Coonai
São José da Bela Vista	Clésio Brentini Branquinho	Cati
	Lucas José da Silva	Coonai
GENERAL SALGADO	Maria Rachel Milare Favareto	Cati
	Wirley Marques	Cati
Auriflana	Pablo Rodrigo Manfrim	Autônomo
	Paulo Cesar Antoniassi	Cati
	Adriana Cristina Machado Silva	Cati

(Continuação)

Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
Floreal	Jean Viais Pantaleão	Cati
	Jean José de Grande	Cati
General Salgado	Kennedy A. Rodrigues Gimenes	Cati
	Wirley Marques	Cati
Lourdes	Franklin Querino da Silva Neto	Cati
	Gleiciane Polizel Sanches	Cati
Macaubal	Sandra Testa da Silveira	Cati
	Adilson Cesar Ferrari	Cati
Magda	Fernando Calil Ferreira	Cati
	Paulo Cesar Batista	Cati
Nhandeara	Ildemar Carvalho Sanches	Cati
	João Felix Toscano	Cati
Nova Luzitânia	Nilson Geraldo da Silva	Cati
Sud Mennucci	Marcos Izumi Okajima	Cati
	José Ricardo Solfa	Cati
	Mirele Vinhas Voltolini	Cati
Turiúba	Pedro Lança Neto	Cati
<b>GUARATINGUETÁ</b>	Júlio Cesar Ramos da Silva	Cati
	José Tadeu França Guimarães	Sebrae - SAI
Cunha	Ricardo Domingos Luiz Pereira	Sebrae - SAI
	Midair José Teodoro	Cati
	Gerônimo Galvão de França	Cati
	Osmar Felipe Junior	Cati
	Valdo Prado Nunes	Sebrae - SAI
Guaratinguetá	Washington Luiz Agueda	Cati
	Isabel C. Nascimento da Motta	Cati
Lagoinha	Antônio Joaquim Martinho Neto	Cati
Lavrinhas	Carlos Aurélio Fontes Ferreira	Sebrae - SAI
Piquete	José Amoroso Filho	Sebrae - SAI
Queluz	Elisângela Cristina Cendretti	Cati
	Carla Janaina Cendretti	Cati
	Carlos Aurélio Fontes Ferreira	Sebrae - SAI
Silveiras	Carlos Aurélio Fontes Ferreira	Sebrae - SAI
	Aleksander Ribeiro da Silva	Cati
<b>JALES</b>	Flávio Prandi Franco	Cati
	Paulo Roberto S. Carretero	Cati
Aspásia	José Alberto Silveira Matos	Cati
Marinópolis	Nedson A. Ignácio da Silva	Cati
	João Sérgio Ribeiro	Cati

## Visão Técnica e Econômica da Produção Leiteira

(Continuação)

Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
Pontalinda	Alessandro Nunes Ferreira	Cati
Santa Albertina	João Augusto Duran	Cati
	Osmar Guimarães	Cati
Santa Salete	Claudemir Moura	Cati
	Sandoval Rogério Quatrini	Cati
São Francisco	Valdecir Segura Pinotti	Cati
Urânia	Eduardo Akito Akamatsu	Cati
Vitória Brasil	Marcelo Luiz Casteleti	Cati
<b>JAÚ</b>	-	-
Bariri / Itaju	Wagner Ticianelli	Cati
	Robinson Antônio Pitton	Cati
Jaú	João André M. de Almeida Prado	Cati
	Eduardo Vasconcellos Fomão	Cati
<b>LINS</b>	Edson Tadashi Savazaki	Cati
Balbinos	Silvio Cesar Barbosa	Cati
	Ana Carolina Ferraro	Sebrae - SAI
Getulina	Paulo Sonehara	Cati
	Élio Noboru Savazaki	Autônomo
Pongai	Oswaldo Befini	Cati
	Eduardo Loureiro	Cati
	Milena Masili Passanezi Rosseto	Sebrae - SAI
Sabino	Márcio Hiroyuki Eguchi	Cati
	Luiz Carlos Morato	Cati
Uru	João Luiz Veronezi	Cati
	Oswaldo Befini	Cati
	Milena Masili Passanezi Rosseto	Sebrae - SAI
<b>OURINHOS</b>	-	-
Espírito Santo do Turvo	Rosania Cláudia Guerra	Cati
	Luís Cláudio Martins	Sebrae - SAI
	Marcelo Lerião Gonsalter	Cati
<b>PINDAMONHANGABA</b>	João Bosco Andrade Pereira	Cati
	Dalmir Lopes Guedes	Cati
Jacarei	Danielle Daher Pereira de Sousa	Prefeitura
Paraibuna	Marcelo Crivelli	Cati
	Samanta Ribeiro Pedrosa	Cati
	André Alexandre Gagliotti	Cati
Pindamonhangaba	Ricardo Rodrigues Oliveira	Cati
	Carlos Necésio de Souza Santos	Cati
Redenção da Serra	Carlos Eduardo Pinto dos Santos	Cati

(Continuação)

Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
Floreal	Jean Viais Pantaleão	Cati
	Jean José de Grande	Cati
General Salgado	Kennedy A. Rodrigues Gimenes	Cati
	Wirley Marques	Cati
Lourdes	Franklin Querino da Silva Neto	Cati
	Gleiciane Polizel Sanches	Cati
Macaubal	Sandra Testa da Silveira	Cati
	Adilson Cesar Ferrari	Cati
Magda	Fernando Calil Ferreira	Cati
	Paulo Cesar Batista	Cati
Nhandeara	Ildemar Carvalho Sanches	Cati
	João Felix Toscano	Cati
Nova Luzitânia	Nilson Geraldo da Silva	Cati
Sud Mennucci	Marcos Izumi Okajima	Cati
	José Ricardo Solfa	Cati
	Mirele Vinhas Voltolini	Cati
Turiúba	Pedro Lança Neto	Cati
<b>GUARATINGUETÁ</b>	Júlio Cesar Ramos da Silva	Cati
	José Tadeu França Guimarães	Sebrae - SAI
Cunha	Ricardo Domingos Luiz Pereira	Sebrae - SAI
	Midair José Teodoro	Cati
	Gerônimo Galvão de França	Cati
	Osmar Felipe Junior	Cati
	Valdo Prado Nunes	Sebrae - SAI
Guaratinguetá	Washington Luiz Agueda	Cati
	Isabel C. Nascimento da Motta	Cati
Lagoinha	Antônio Joaquim Martinho Neto	Cati
Lavrinhas	Carlos Aurélio Fontes Ferreira	Sebrae - SAI
Piquete	José Amoroso Filho	Sebrae - SAI
Queluz	Elisângela Cristina Cendretti	Cati
	Carla Janaína Cendretti	Cati
	Carlos Aurélio Fontes Ferreira	Sebrae - SAI
Silveiras	Carlos Aurélio Fontes Ferreira	Sebrae - SAI
	Aleksander Ribeiro da Silva	Cati
<b>JALES</b>	Flávio Prandi Franco	Cati
	Paulo Roberto S. Carretero	Cati
Aspásia	José Alberto Silveira Matos	Cati
Marinópolis	Nedson A. Ignácio da Silva	Cati
	João Sérgio Ribeiro	Cati

Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
São Bento do Sapucaí	Alessandra Goulart Carvalho	Cati
	Ivo Bonassi Junior	Cooperativa
São Luiz do Paraitinga	Júlio Cesar Frade Santos	Cati
	Luiz Toloza Rodrigues	Cati
	Milvia Elizabeth Prado	Cati
Taubaté	Maria de Fátima Santos Cardoso	Cati
	Roberto Lima de Oliveira	Cati
Tremembé	Ricardo Manfredini H. Requejo	Cati
	Roberto Lima de Oliveira	Cati
<b>PRESIDENTE PRUDENTE</b>	Roberto Yassuhico Inague	Cati
Álvares Machado	Lauro Eiji Tiba	Cati
	Fabrizio Róss Yokoyama	Cati
Anhumas	Aurélio Rajar	Cati
Presidente Bernardes	Wilson Antônio de Barros	Cati
	Fernando Cerqueira Lima	Cati
	Marcelino Massao Makiyama	Cati
	José Gustavo Vieira	Cati
Regente Feijó	Fernanda Carniato de Souza	Cati
	Amarilis Rós Golla	Cati
Taciba	José Geraldo Souza Lima	Cati
	João Jorge Catalan Neto	Cati
<b>RIBEIRÃO PRETO</b>	-	-
Brodowski	José Mauricio Bidinelo	Coonai
	Willian Soares dos Santos	Coonai
<b>SÃO JOSÉ DO RIO PRETO</b>	Edmar E. Bassan Mendes	Cati
	Reinaldo Marini	Cati
Bady Bassitt	Silvio Henrique Kenji Pomaro	Cati
	Ari Casemiro Junior	Cati
Guapiaçu	Leandro Costa Falco	Cati
	Marciel José da Silva	Cati
	Osmar Figueira	Cati
Ipirigüá	Grácia Maria Gonçalves Cattelan	Cati
	Etel Roberto Almeida	Cati
	Juliano Henrique Martins	Cati
Mendonça	Camila Herrero Rodero	Cati
	Edison Donizeti Ferreira	Cati
Mirassolândia	Odilo Mariano Castelo Branco	Cati
	Carlos Roberto Geraldo	Cati
	José Henrique Marques Vieira	Cati

(Continuação)

Região e município	Nome dos técnicos	Instituição
Nipoã	Leticia Ferreira Barbour	Cati
	Paulo Eduardo Micheletti	Cati
	Odair José Rosa Grilo	Cati
Onda Verde	Luciana Azevedo da Silva	Cati
	Luciano Reis de Carvalho	Cati
	Mário Augusto Frederico	Cati
Palestina	Ângelo Francisco Botaro	Cati
	Joel Paulino de Oliveira	Cati
Poloni	Jonas Alves Fernandes Neto	Cati
Potirendaba	Clodoveu Nicola Colombo Junior	Cati
Tanabi	José Ricardo Ribeiro	Cati
<b>TUPÃ</b>	Sérgio Sato	Cati
Bastos	Eduardo Yukio Takaki	Cati
Rinópolis	Fernando José Levatti	Cati
Tupã	José Carlos Tolentino Prado	Cati
<b>VOTUPORANGA</b>	Élio Ferreira de Andrade	Cati
Américo de Campos	Élio Ferreira de Andrade	Cati
Cardoso	Élio Ferreira de Andrade	Cati
	Cláudio Mitsuo Shiota	Autônomo
	Álvaro Raruo Shiota	Autônomo
Paulo de Faria	Marcos Venício C. de Toledo	Cati
Pontes Gestal	Flávio Suelo Tokuda	Cati
	Adriano Custódio Gasparino	Cati
Valentim Gentil	Renato Augusto Pereira da Silva	Cati
	Leonardo Sanches Singolani	Cati